

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO
ECONÔMICO SUSTENTÁVEL - IPADES**

**RAÇAS DE BOVINOS BRASILEIROS PODEM CONTRIBUIR COM A
PECUÁRIA NACIONAL**

Francisco Bendito da Costa Barbosa

Sócio Fundador - IPADES

Os bovinos chegaram ao Brasil trazido pelos portugueses no período colonial. As raças eram europeias da subespécie *Bos taurus taurus* que aqui tiveram que se adaptar ao clima tropical, e isso ocorreu através de mutações. Essas mutações legaram ao Brasil quatro raças hoje reconhecidas: **Caracu, Crioula-lageana, Curraleiro Pé-Duro e Pantaneira**. As características dessas raças são úteis para a seleção genética das demais raças existentes e exploradas economicamente no Brasil pertencente às subespécies *Bos taurus taurus* e *Bos taurus indicus*, esta última é conhecida popularmente como zebuína. O gado Zebu chegou ao Brasil na segunda metade do século XIX, vindos da Índia, país com condições ambientais semelhantes às brasileiras. Aqui seu centro de dispersão é o Triângulo Mineiro (MG), mais precisamente o município de Uberaba que sedia a Sociedade Brasileira de Criadores de Zebu e a exposição anual desses animais. Sumariamente seguem aspectos dessas raças.

A raça Caracu é mais difundida na região Sudeste e tem o melhor aproveitamento comercial. O rebanho possui cerca de 20 mil indivíduos com duas variedades: a de chifres, mais comum; a mocha sem chifres. A pelagem de ambas é alaranjada.

A raça Crioula-Lageana encontra-se na região Sul, sendo a região de Lages, no Estado de Santa Catarina o principal local de formação da raça. Ela resiste bem ao calor e às temperaturas frias. A pelagem é bem variada, do marrom ao branco, muitas vezes malhada. Existem cerca de três mil animais com criadores privados.

A raça Curraleiro Pé-Duro tem os biomas Caatinga e Cerrado como área de domínio. Foi formada por raças portuguesas e espanholas que começaram a chegar

aqui no início da colonização, em 1534, na costa do Nordeste e expandiu para o interior da colônia. Apresenta boa rusticidade, produzindo boa quantidade de leite e carne mesmo em condições de pastagem ruim e calor intenso. A pelagem vai de avermelhada ao bege com manchas pretas, principalmente na cabeça. Ainda corre risco de extinção.

A raça Pantaneira domina o Pantanal mato-grossense. São bovinos de chifres grandes que vivem bem em áreas alagadas fornecendo carne de boa qualidade. A pelagem é variada, vai do bege-claro ao vermelhado-escuro e há indivíduos malhados. È a raça que corre maior risco de extinção.

A genética dessas raças é objeto de estudo de vários grupos de pesquisadores. Além de conservar o patrimônio genético dessas raças, eles querem entender os mecanismos biológicos que fizeram esses bovinos sobreviverem às condições ecológicas e pastagens nativas existentes no Brasil. Desde 2005, as raças brasileiras estão identificadas geneticamente por marcadores de microssatélites, que são sequências de repetições curtas do genoma de uma espécie e permitem estudos de variação genética de uma população.

Agora, além de retirar as raças brasileiras do risco de extinção, esses pesquisadores da Embrapa, e das universidades de Goiás (UFG), Brasília (UnB), e de Córdoba, na Espanha tratam de identificar os genes ligados a determinadas características de modo a colocar essa riqueza genética a serviço da pecuária brasileira, incorporando-a no rebanho comercial através de cruzamento e fornecimento de sêmen.

Por exemplo, o cruzamento de duas raças geneticamente distantes gera filhos com melhor desempenho do que a média dos pais; quanto maior a diferença genética, melhor o resultado. Cruzar um Nelore com um animal de uma das raças brasileiras pode legar à prole a rusticidade a doenças e a adaptação climática das duas raças formadoras do animal.

Em estudo mais abrangente, pesquisadores da Embrapa, das universidades federais de Mato Grosso (UFMT), Mato Grosso do Sul (UFMS), Brasília (UnB), estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) e a católica de Goiás (PUC Goiás) tem objetivo de comprovar a relação entre genes e as características herdadas. Também trabalha a conservação e identificação de possíveis rebanhos no Semiárido, no Cerrado e no Pantanal.

Uma das pesquisas trata da resistência do Curraleiro Pé-Duro à intoxicação com a principal planta tóxica existente nos pastos do Brasil, a cafezinho ou erva-de-rato (*Palicourea maregravii*), responsável pela alta mortalidade de bovinos, ovinos e caprinos. O animal que a come morre em poucas horas. É uma planta originária da Mata Atlântica e do Cerrado, mas hoje presente em todos os biomas brasileiros. Em experimento realizado em 2015, seis animais das raças Curraleiro Pé-Duro, Pantaneiro e Nelore foram alimentados com cafezinho. Os nelores morreram em até três dias, os pantaneiros em 24 horas, entre os curraleiros três morreram e três sobreviveram. O fato da sobrevivência dos três animais levou os pesquisadores a buscar respostas nas características genéticas ou fisiológicas desses animais para saber o que permitiu a eles sobreviverem.

Aspectos interessantes, pitorescos e econômicos têm surgidos com essas raças brasileiras. Em 2012 o curraleiro pé-duro foi registrado como raça no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), mas os técnicos do registro genealógico não eram favoráveis ao registro, pois argumentavam que esses animais não tinham interesse comercial. A equipe de pesquisadores coordenada pela professora Clorinda visitaram o Semiárido e o Cerrado e encontraram cerca de 10 mil animais.

E mais que um simples número o curraleiro já se mostrou um animal com aptidão para a produção de carne e de leite. A vaca curraleira quando ordenhada, produz em média 10 litros de leite/dia, enquanto a nelore, especializada na produção de carne, atinge de 3 a 4 litros/dia, afirma Geraldo Magela Carvalho, curador do núcleo de bovinos da raça Curraleira da Embrapa Meio Norte, em Teresina (PI).

Entre as quatro raças bovinas brasileiras, a única ainda sem registro no Mapa é a Pantaneira, mas seu processo de registro está bem adiantado. A Caracu é a única raça que hoje não corre perigo de extinção, pois chega a mais de 20 mil indivíduos no país. As raças brasileiras começaram a desaparecer com a entrada do gado Zebu, principalmente a partir dos anos 1940.

Com o registro, a raça se valoriza e se transforma em produto, possibilitando a comercialização de sêmen e embriões, diz a veterinária Raquel Soares Juliano, da Embrapa Pantanal, em Corumbá (MS), curadora do Núcleo de Conservação do Bovino Pantaneiro, fundado em 1984, cuja primeira preocupação que durou 15 anos, foi conter o risco de extinção dos animais, *“caracteriza-los geneticamente como uma raça, diferente dos seus ancestrais ibéricos e de seus parentes brasileiros, como Curraleiro e o Crioulo Lageano”*, explica a pesquisadora Raquel.

O rebanho brasileiro é de 172 milhões de cabeças, dados do Censo Agropecuário 2017 do IBGE, desse total 80% são raças zebuínas Nelore, Gir e Guzerá. Os 20% são taurinos das raças Angus, Charolês, Holandesa, Simental e diversas outras. É dentro dessa variedade que estão as raças que se tornaram brasileira. Além dos ganhos zootécnicos dessas raças, quando cruzadas com outras do plantel comercial brasileiro, elas se constituem em um patrimônio da biodiversidade animal do país. Elas também fazem parte da história da pecuária nacional como agente do desbravamento e conquista do território brasileiro. Sua conservação e expansão é um símbolo da pecuária brasileira.

Resultado de seleção e cruzamentos por quase quinhentos anos, o rebanho bovino do Brasil apresenta enorme diversidade genética com base nas raças europeias e indianas. As raças brasileiras – Caracu, Crioula-Lageana, Curraleiro Pé-Duro e Pantaneira – com os estudos e associações de criadores estão começando a ocupar seu espaço no rebanho e nos cruzamentos com as raças europeias e indianas fortalecendo ainda mais a pecuária nacional.